

Amor, vontade e união sob o prisma de Thelema, Yoga e o Diário Mágico.

Pedro Aurélio Lemes da Silva

Resumo

Este artigo explora a intersecção entre conceitos fundamentais de Thelema, Yoga e a jornada apoiada pelo diário, iluminados pelas ideias de Aleister Crowley em “Oito Palestras sobre Yoga” e outros textos relevantes. Primeiramente, o artigo aborda “o amor sob Vontade”, um princípio de thelema que enfatiza a direção da vontade individual em harmonia com a expressão universal do amor. Em seguida, ele estabelece um paralelo com o conceito de Yoga sobre a união entre o observador e o objeto observado, destacando a importância da percepção consciente na busca espiritual. Por fim, progride para a jornada espiritual apoiada pelo diário mágico, como ferramenta de introspecção e registro da evolução espiritual, sublinhando sua importância como meio de integrar e absorver esses conceitos. Ao combinar essas perspectivas, o artigo visa apresentar uma visão holística da busca espiritual, onde amor, vontade e união coexistem como elementos-chave para o desenvolvimento pessoal e espiritual.

Palavras-Chave: Thelema; Ágape; Amor; União; Yoga.

1. Introdução

A ideia desse artigo é explorar a interligação entre conceitos fundamentais de Thelema, Yoga e a jornada apoiada pelo diário, iluminados pelas ideias de Aleister Crowley em “Oito Palestras sobre Yoga” e outros textos relevantes. No cerne da Lei de Thelema, onde temos “Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei” e “Amor é a Lei, amor sob vontade”, é comum notar o “o amor sob Vontade”, que enfatiza a direção da vontade individual em harmonia com a expressão universal do amor, omitido ou negligenciado. Talvez até mesmo pela carga cultural e linguística que temos a respeito da palavra amor e seus conceitos. Devido à proximidade e formação de uma base de estudos estruturados sobre a Yoga, é possível estabelecer um paralelo com o conceito yogue de união entre o observador e o objeto observado, destacando a importância da percepção consciente na busca espiritual.

Por fim, dada a dificuldade de se avançar no processo meditativo da união (yoga) entre o observador e o observado e o tempo necessário para tal desenvolvimento, oportunamente analisar o papel do diário mágico como ferramenta de introspecção e registro da evolução, investigando sua importância como meio de integrar e compreender esses conceitos de amor (ágape) e união (yoga) a fim de obter uma visão holística da busca espiritual, onde amor, vontade e união coexistem como elementos-chave para

o desenvolvimento pessoal e espiritual propostos aos Thelemitas a partir do método apresentado por Aleister Crowley.

Contextualização dos Conceitos Centrais

Aleister Crowley compila no Liber Oz, os principais conceitos trazidos nos três capítulos do Liber AL vel Legis (O Livro da Lei). Longe de querer ser repetitivo e conceituar aquilo que já é conhecido e estudado no meio thelêmico, é necessário contextualizar para manter uma linha de raciocínio que será construída ao longo deste artigo.

Seguindo a sequencia do Liber Oz onde estes conceitos são trazidos, temos:

a lei do forte: esta é a nossa lei e a alegria do mundo. (Crowley, Liber AL vel Legis II: 21).

Esta afirmação tem como elementos centrais os termos força e alegria. Força porque a Lei de Thelema é ativa, é preciso haver ação, movimento, sendo a inércia diametralmente oposta a execução da Vontade. Já a alegria do mundo demonstra a importância da coletividade, que será impactada, posto que a Vontade executada não beneficia (ou prejudica) apenas seu executor, mas também o todo, em maior ou menor escala, como uma pedra lançada ao lago. Assim, não por acaso, o Líber AL vel Legis não diz que a Lei de Thelema é a alegria dos escolhidos, nem a alegria dos Thelemitas: é a alegria do mundo – independente das crenças e pluralidades existentes.

Prosseguindo, vemos a Lei referenciada em a “Lei do forte”:

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei. (Crowley, Liber AL vel Legis I:40)

Oportuno observar que da mesma forma que a versão original em inglês, (“Do what thou wilt shall be the whole of the Law”), esta sentença possui onze palavras, numero de extrema relevância dentro do sistema proposto por Aleister Crowley, deixando pouca margem a casualidade.

Ressalva feita, seguindo a sequência apresentada no Liber Oz, ao concatenar os termos é possível concluir que a Lei do forte e a alegria do mundo são o “faz o que tu queres”.

Nesse interim, imprescindível evitar o distorção causada pela analise simplista e isolada da Lei de Thelema por esta única frase, como um aval de liberdade ilimitada para se fazer o que quiser, quando quiser, com quem quiser, sem se importar com as consequências.

Em literatura complementar é expressamente apregoado:

tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não. (Crowley, Liber AL vel Legis I:42-3).

Temos então, a partir deste ponto, a Lei de Thelema com um interessante recorte que elimina a ideia inicial e equivocada de liberação para se fazer qualquer coisa indiscriminadamente, restando o direito legítimo de executar a verdadeira Vontade, que tende a ser imaterial e muito mais subjetiva, já que ligada intrinsecamente ao propósito de vida.

A seguir, Crowley reforça mais uma vez que na Lei de Thelema todos possuem sua verdadeira vontade individual, independente se Thelemitas ou não, quando traz:

Todo homem e toda mulher é uma estrela. (Crowley, Liber AL vel Legis I:3)

Assim como as estrelas, cada pessoa possui seu próprio sistema, com brilho, tamanho, calor, cor, órbita e demais aspectos únicos, além de inevitáveis relações com as “estrelas” vizinhas, gerando e recebendo influências simultaneamente o tempo todo. Novamente, é possível perceber que tudo está interligado no mais perfeito equilíbrio e quando se entende e respeita a ordem natural das coisas não há espaço para descontentamento, sendo essa a razão da nossa Lei ser a “alegria do mundo”.

Até este ponto, Aleister Crowley cita várias vezes a palavra Lei sem definir de qual Lei se trata e é justamente no fim do Liber Oz que sua definição aparece:

Amor é a lei, amor sob vontade. (Crowley, Liber AL vel Legis I:57)

Entretanto, o amor mencionado, não é o romântico, o qual se tem maior familiaridade, mas a Ágape, que traz o significado do amor incondicional oriundo dos gregos, aquele que une os diferentes sem condições predeterminantes, gerando algo novo.

Podemos então dizer que O Amor sob vontade (vontade esta que deve ser executada como o elemento central e norteador da vida) é a Lei do forte (pois exige ação) e a alegria do mundo (coletividade), sendo os demais direitos menores, buscando sempre manter o equilíbrio e não interferência, tendo em vista que todo homem e toda mulher é uma estrela, possuindo cada qual sua verdadeira vontade, com seus próprios sistemas pessoais.

Assim sendo, o amor sob a ação da vontade é a Lei que permeia todos os sistemas sem choques ou contradições com suas próprias diretrizes. Se pensarmos em cada pessoa como uma estrela (astro), a Lei de Thelema seria a energia escura que sustenta tudo, sem interferir nas particularidades de cada estrela e suas organizações menores. Como a baqueta de um maestro, que não emite som, mas cuida para que cada músico execute a ação de sua vontade através de seu instrumento, permitindo que a orquestra toque qualquer música com harmonia, cadência e perfeição.

A Influência de Aleister Crowley e ‘Oito Palestras sobre Yoga’

Crowley, após ter sido um dos primeiros ocidentais a estudar e praticar a Yoga diretamente na fonte em sua estadia na Índia, apresentou em seu trabalho intitulado “Oito palestras sobre Yoga”, sua visão isenta de dogmas religiosos hinduístas, trazendo algo muito mais próximo e praticável ao ocidental – que pode e deve alcançar os mesmos resultados dos yogues indianos sem a necessidade de compreensão e exercício de práticas religiosas de uma sociedade e cultura bastante diversa.

No início de sua obra, ele já demonstra seu objetivo claramente:

A minha vontade é explicar o assunto do Yoga em linguagem clara, sem recorrer ao jargão ou à enunciação de hipóteses fantásticas, a fim de que essa grande ciência possa ser completamente compreendida como sendo de importância universal.

Pois, como todas as grandes coisas, ele é simples; mas, como todas as grandes coisas, é mascarado pelo pensamento confuso; e, com demasiada frequência, tornado em algo desprezível pelas maquináções da patifaria. (Crowley, Oito palestras sobre Yoga – Primeira palestra)

Crowley, no decorrer da primeira palestra reforça por cinco vezes que “Yoga significa União” e contextualiza com a Lei de Thelema:

Eu acho que nada pode ser mais útil para o estudante de Yoga do que fixar a proposição acima firmemente em sua mente subconsciente. Cerca de nove décimos do problema ao entender o assunto é todo esse sensacionalismo sobre o Yoga ser misterioso e oriental. Os princípios do Yoga e os resultados espirituais do Yoga são demonstrados em todo acontecimento consciente e inconsciente. Isto é aquilo que está escrito n’O Livro da Lei – Amor é a lei, amor sob vontade – **pois o Amor é o instinto de unir, e o ato de unir.** Mas isso não pode ser feito indiscriminadamente, deve ser feito “sob vontade”, isto é, de acordo com a natureza das unidades particulares envolvidas. O hidrogênio não tem amor pelo hidrogênio; não é a natureza, ou a “verdadeira Vontade” do Hidrogênio, buscar unir-se a uma molécula de sua própria espécie. Adicione Hidrogênio ao Hidrogênio: nada acontece com a sua qualidade: é apenas sua quantidade que muda. **Ao invés disso, ele busca ampliar sua experiência de suas possibilidades pela união com átomos de caráter oposto, como do Oxigênio;** eles se combinam (com uma explosão de luz, calor e som) para formar água. O resultado é totalmente diferente de qualquer um dos elementos que o compõe, e tem outro tipo de “verdadeira Vontade”, tal como unir-se (com desengajamento similar de luz e calor) com Potássio, enquanto a “potassa cáustica” resultante tem por sua vez uma série totalmente nova de qualidades, com ainda outra “verdadeira Vontade” própria; isto é, unir-se ex-

plosivamente com ácidos. E assim por diante. (Crowley, Oito palestras sobre Yoga – Primeira palestra, g.n.)

É possível verificar que além da intenção de Crowley de desmistificar o yoga, o mesmo a enxerga como uma ferramenta de utilidade prática na busca efetiva de resultados para o alcance da verdadeira vontade.

2. O Amor sob Vontade em Thelema

Analisando mais profundamente o texto supracitado, é possível verificar que Crowley entende União e Amor como sendo o instinto de unir, o ato de unir de acordo com a natureza das unidades particulares envolvidas (sob vontade), o que demonstra que a união não deve ser feita indiscriminadamente ou alheia a vontade de qualquer uma das partes envolvidas (sob força ou coação) – o que iria imediatamente confrontar a sentença “amor sob vontade”, já que estaria alheia a vontade de uma ou mais partes envolvidas.

Ainda em 8 Palestras sobre Yoga, Crowley cita um importante exemplo:

Vamos considerar um pedaço de queijo. Dizemos que ele tem certas qualidades, forma, estrutura, cor, solidez, peso, sabor, cheiro, consistência e o tudo mais; mas a investigação mostrou que isso tudo é ilusório. Onde estão essas qualidades? Não estão no queijo, pois observadores diferentes o descrevem de maneiras bem diferentes. Não estão em nós mesmos, porque não as percebemos na ausência do queijo. Todas as “coisas materiais”, todas as impressões, são fantasmas. (Crowley, Oito Palestras sobre Yoga – Primeira Palestra)

Neste exemplo, Crowley demonstra que as características que instintivamente se assume como pertencentes ao objeto nada mais são que percepções ilusórias da mente criadas a partir de percepções e memórias – e que não necessariamente são pertencentes ao objeto observado.

Isso pode ser percebido claramente quando dois diferentes enólogos analisam um determinado vinho. Seria impossível para o enólogo que jamais conheceu a França classificar “notas de aromas de flores dos campos franceses”, da mesma forma que seu colega que conhece a região. Logo, parte das características identificadas só existe na mente de quem a percebe, pois se fosse uma característica real do objeto observado, o vinho neste caso, o aroma seria permanente e imutável.

Da mesma forma, o amor romântico, que passa pela fase inicial da paixão, muitas vezes é um sentimento criado a partir das percepções e expectativas do amante em relação ao amado que não correspondem a realidade – o que com o tempo poderá culminar em decepção e desinteresse. Aliás, é justamente por esse fator, que o amor romântico é incompatível com o amor citado no Liber AL vel Legis.

Assim, diante de todo exposto, é possível chegar a equação: **Amor (ágape) = União = Yoga**.

Esse entendimento inclusive justifica a razão de Crowley ter utilizado tantos conceitos de Yoga em seus exercícios, práticas e textos direcionados à Astrum Argentum.

A Vontade Individual e a Expressão Universal do Amor

Crowley traz o conceito da vontade individual e a expressão do amor, no texto a seguir:

Isso significa que, enquanto a Vontade é a Lei, a natureza dessa Vontade é Amor. Mas este Amor é como que um subproduto daquela Vontade; não contradiz nem sobrepuja aquela Vontade; e se em qualquer crise uma contradição se erguer, é a Vontade que nos guiará corretamente. Vede, enquanto no Livro da Lei há muito escrito sobre o Amor, não existe nele nada de Sentimentalismo. O Ódio mesmo é quase como o Amor! 'Lutai como irmãos!' Todas as raças másculas do mundo compreendem isto. O Amor de Liber Legis é sempre ousado, viril, mesmo orgástico. Existe delicadeza, mas é a delicadeza da força. Poderoso, terrível e glorioso como é, porém, é apenas a flâmula sobre a sagrada lança da Vontade, a inscrição damascena na lâmina das espadas dos Monges-Cavaleiros de Thelema. (Crowley, Liber II)

Quando Crowley diz que o amor é como que um subproduto da Vontade, indica que a vontade de junção entre os diferentes é que gera o amor (como união), devendo ser livre de julgamentos, preconceitos e demais produções mentais que geralmente desencorajam ou impedem a união como força universal (ágape), conforme exposto na relação vontade e pureza, trazida no Liber AL:

Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita. (Crowley, Liber AL vel Legis I:44)

Tal expressão pode ser vista na própria equação de Dirac que propõe que se dois sistemas separados interagem entre si durante determinado período de tempo e depois se separam, podem ser descritos como dois sistemas diferentes, que existirão como um sistema único e tal conceito é tratado no campo da física quântica como “entrelaçamento quântico”.

Esta afirmação, produto da equação de Dirac remete ao verso 45 do primeiro capítulo do Liber AL que diz: “O Perfeito e o Perfeito são um Perfeito e não dois; não, são nenhum!” – onde é possível entender o “Perfeito” como o sistema proposto anteriormente na explanação da equação. E é justamente essa união, natural, irracional, livre da ânsia de resultados, que exemplifica de forma clara o que é o amor universal sob vontade.

3. O Conceito de União em Yoga

Como já citado anteriormente, nas bases textuais de Crowley a palavra Yoga remete à união, agora buscando fontes indianas, para verificar se existe consenso ou divergência neste entendimento, Patanjali traz a seguinte contextualização:

Discutiremos agora o significado de cada palavra do Sutra. Em geral, a palavra Yoga é traduzida como ‘união’, mas uma união necessita de **duas coisas a serem unidas**. Neste caso, o que se unirá a quê?

Assim, consideramos Yoga significando, aqui, a **experiência Yogui**. A extraordinária experiência alcançada através do controle das ondas mentais **chama-se Yoga**. (Patanjali, Os Yoga Sutras de Patanjali, P.4, g.n)

É possível perceber que Patanjali ao igualar os termos “experiência alcançada através do controle das ondas mentais” e Yoga, corrobora com a ideia de experimentar através da união (amor) sem o aparato mental (isolado através do controle), ou seja, os conceitos são compatíveis.

União do Observador e do Objeto na Prática do Yoga

Inversamente ao reducionismo ocidental, que resume a Yoga a vertentes totalmente separadas (como Hatha Yoga, Karma Yoga, Tantra Yoga, Bhakti Yoga) e por vezes, apenas a um compilado de exercícios físicos com posturas mirabolantes, a Yoga em sua origem não possui estas separações, sendo utilizada como ferramenta para o alcance da união real do observador com o objeto observado. Todas as ramificações utilizam a parte física como uma etapa para se alcançar este objetivo e conduzir o yogue ao estado de samadhi, que por muitas vezes é também citado de forma romântica como um estado alterado de consciência ou meditação profunda, quando na verdade é entendido pelos yogues indianos como o estado de clareza onde se é possível ver as coisas como elas realmente são, fora da ilusão de Maya.

Desta forma, o yogue pode observar uma situação, objeto ou pessoa, sem suas ilusões mentais como conceitos, cultura, crenças – e até mesmo percepções sensoriais como olfato e visão, o que permite que ele se una a essência do objeto observado por sua vontade e através desta percepção, sendo toda a ilusão de Maya (que podemos ter como toda a construção social, ilusão coletiva milenar que nos sustenta quanto sociedade) removida para que haja esta união (amor) perfeita.

Mas para se alcançar tal percepção, é preciso observar em outra dimensão, como um expectador que está fora da situação e por isso os asanas, pranayama e diversas outras práticas são apenas preparatórias para a meditação, que visa justamente esta observação “fria e isenta” quanto àquilo que se deseja observar, são o meio, jamais o fim, da mesma forma que entendido por Crowley, sendo mais uma vez os conceitos compatíveis.

Percepção Consciente como Caminho Espiritual

Segundo a filosofia indiana, chittam é a soma total da mente e para entender a visão completa do que Patanjali quer dizer com a palavra “mente”, é necessário entender que dentro de chittam há diferentes níveis. A mente básica é chamada ahamkara, ou o ego, o sentimento do “Eu” e faz surgir o intelecto ou faculdade de discernimento que é chamada buddhi (que permite raciocinar, julgar, compreender). Outro nível é chamado manas, que é a parte da mente que deseja, que sente atração pelas coisas exteriores através dos sentidos. Patanjali cita um exemplo muito relevante que evidencia a distinção da união sob vontade daquela que é criada através do desejo, que é mental:

Por exemplo, você está tranquilamente sentado apreciando a paz da solidão, quando um cheiro agradável vem da cozinha. No momento em que manas percebe, ‘Estou sentindo um cheiro agradável vindo de algum lugar’, buddhi raciocina, ‘Que cheiro é este? Acho que é queijo. Que bom! De que tipo? Suíço? Sim, é queijo suíço.’ Assim, uma vez que buddhi decida, ‘Sim, é um delicioso pedaço de queijo suíço, como aquele saboreado na Suíça ano passado’, ahamkara diz, ‘Oh, então é isto? Então devo comer um pedaço agora.’ Estas três coisas acontecem uma de cada vez, mas tão rápido que raramente as distinguimos.

Estas alterações dão origem ao desejo de comer o queijo. Criou-se o desejo, e a não ser que o satisfaça indo até à cozinha e comendo o queijo, sua mente não retornará à condição original de paz. Está criado o desejo, consequentemente a vontade de satisfazê-lo, e, uma vez que o satisfaça, você estará de volta à sua original situação de ‘paz’. Esta é a condição natural da mente. Mas estes chitta vrittis, ou as alterações da substância mental, perturbam esta paz. (Patanjali, Os Yoga Sutras de Patanjali, P.4, g.n)

O exemplo de Patanjali demonstra que a união com o queijo não nasce sob vontade mas sim sob desejo, que é criado pelo processo puramente mental e sensorial que caso não seja atendido, gera infelicidade.

Assim, quase todos os caminhos espirituais, citam o desejo como algo nocivo mas não se alongam em explicar a razão, fazendo com que seus integrantes criem uma tendência à inércia, a não querer ou desejar nada mediante o medo antecipado do sofrimento.

Por sua vez, no caminho thelêmico, ocorre exatamente o contrário: instiga-se a ampliação gradativa da percepção consciente das coisas e unir-se a elas não sob desejo, mas sob vontade.

Entretanto, para alcançar tal união e percepção real das situações, pessoas e principalmente de nós mesmos, é imprescindível ampliar a consciência e observar de forma isenta e afastada, as situações mais cotidianas da vida e é justamente nesse processo que levaria anos de prática austera na Yoga “tradicional”, que Crowley utiliza uma ferramenta de resultado rápido para se obter os frutos desta observação, ainda que nos mais tenros passos em busca da evolução: o diário mágico.

4. O Diário Mágico na Jornada Espiritual

Com a implementação da importante ferramenta do diário, é comum que inicialmente a comunicação feita por ele passe por julgamentos e pré-conceitos. O próprio nome “diário mágico” comumente utilizado, pode denotar alguma sacralidade ou respeito que supostamente se deve ter e isso pode contaminar a pureza das informações, que são intencionalmente filtradas ou maquiadas de boas maneiras ou pelo politicamente correto. A intenção é exatamente o oposto! Toda comunicação, seja a batida do dedo na quina da cama ou a dor do amor não correspondido, deve ser feita da forma mais honesta e nítida possível: “bati meu dedo do pé na quina da cama e puta que pariu, que dor infernal! Ardia até o meio da canela como se eu tivesse arrancado o dedo. Senti de súbito um tipo de raiva combinado com uma vontade imensa de quebrar a cama inteira com uma marreta e depois de 15 ou 30 segundos tudo voltou ao normal”; e “não senti fome, sede ou vontade de levantar da cama e meu peito parecia materializar a dor física do desamparo, senti um constante nó na garganta, que me acompanhou até a hora de deitar”.

As situações descritas não seriam entendidas da mesma forma se tivessem sido escritas em uma ou duas palavras formais. O desabafo do palavrão ou o aparente exagero na transcrição do sofrimento externaram com fidelidade a intensidade do que se precisava comunicar.

A formalidade encontrada no diário muitas das vezes tem origem na preocupação do “para quem” o diário comunica, passando despercebido que não se trata do instrutor da Santa Ordem, não é Ele o principal e mais importante destinatário; na verdade, é quem escreve! Quanto o autor do diário é capaz de se colocar de observador externo da própria situação, a partir do registro e análise, e identificar não só sua natureza como os aspectos ilusórios mentais que interferiram na situação ou calor da emoção, de que conseguisse ver claramente a realidade de fato. São as percepções dos dispositivos da mente interferindo na ótica da situação no momento que ela ocorre que ampliam a consciência e vão construindo uma visão cotidiana mais pura e menos mental das situações – da mesma forma que a Yoga visa construir a partir de todas as suas práticas. A clareza do yogue alcançada através de anos de prática meditativa e do alcance de samadhi – ou o aquietamento das ondas mentais, conforme Patanjali,

o thelemita pode alcançar mais rapidamente através das práticas do diário e do yoga combinadas, conforme explana Crowley.

Esta interferência do mundo externo no nosso consciente e inconsciente é demonstrada por Patanjali no exemplo a seguir:

O mundo exterior é todo baseado em seus pensamentos e atitudes mentais. O mundo inteiro é apenas sua própria projeção. Seus valores podem mudar na fração de um segundo. Hoje você pode não querer mais ver alguém que foi seu querido amor de ontem. Se nos lembrarmos disto, não sofreremos tanto com as coisas que nos rodeiam.

É por isto que o Yoga não se incomoda muito em mudar o mundo exterior. Há um ditado sânscrito que diz: 'Mano eva manushyanam karanam bandha mokshayoho.' (O homem é aquilo que pensa; servidão ou libertação estão em sua mente). Sentir-se aprisionado é estar aprisionado. Sentir-se liberto é estar liberto.

As coisas lá fora nem o aprisionam nem o libertam; somente sua atitude perante elas faz isto. (Patanjali, Os Yoga Sutras de Patanjali, P.5)

Novamente se verifica a similaridade de entendimento, já que tanto Crowley como Patanjali consideram fundamental a necessidade de se afastar dos sentimentos para enxergar os fatos com clareza.

5. Conclusão

A conclusão deste artigo não poderia ser outra a não ser que Amor (ágape), Verdadeira vontade (em movimento, através da ação) e União são fundamentais no progresso da busca espiritual, sendo o yoga e o diário mágico ferramentas imprescindíveis para alcançar a isenção das ilusões mentais que criamos ou somos submetidos no decorrer da vida e que distorcem a realidade.

A partir do real entendimento sobre a importância do diário e seu propósito, aprendi a observar como espectador e pude perceber que ao revisitar em minhas anotações inúmeras situações que outrora pesaram ou machucaram, as mesmas eram pequenas e irrelevantes quando observadas de fora.

Aliás, arrisco-me a dizer que há muito mais facilidade em analisar os registros dos orientados, dos quais há um distanciamento natural e é possível enxergar com imparcialidade e clareza do que vivenciar efetivamente esta união entre observador (si próprio) e o objeto observado (a situação) de forma isenta de julgamentos e sentimentos, do próprio diário!!! Daí inclusive a importância de se ter irmãos sob orientação a partir do grau de Neófito, na Santa Ordem.

Desta forma, tudo que Crowley nos indica como método e ferramentas assessorias na jornada e que eventualmente podem parecer sem sentido se conecta e complementa com clareza à medida que a consciência se amplia e se consegue perceber aquilo que antes era oculto.

O amor sob vontade transforma a partir da união pura com sistemas diferentes (sejam eles pessoas, situações ou objetos), agregando e evoluindo a cada nova conexão, gerando ordem e alegria ao coletivo, até a Grande Festa, onde há dissolução e eterno êxtase nos beijos de Nuit.

Referências

CROWLEY, Aleister. Liber II – A mensagem de Mestre Therion. Hadnu, 2018. Disponível em: <<https://www.hadnu.org/publicacoes/a-mensagem-do-mestre-therion/>>. Acesso em: 27-01-2024.

CROWLEY, Aleister. Liber OZ (tradução de Marcelo Ramos Motta). Hadnu, 2018. Disponível em: <<https://www.hadnu.org/publicacoes/a-mensagem-do-mestre-therion/>>. Acesso em: 01-02-2024.

CROWLEY, Aleister. Oito palestras sobre Yoga. Hadnu, 2009. Disponível em: <<https://www.hadnu.org/publicacoes/liber-oz/>>. Acesso em: 27-01-2024.

CROWLEY, Aleister. O Livro da Lei comentado por Aleister Crowley: Traduzido por Johann Heyess, Revisão e notas por Flavio Watson. 1ª Edição. Indaiatuba-SP. Editora Via Sestra, 2023.

SATCHIDANANDA, Swami. Yoga Sutra de Patanjali / Transcrito e comentado por Swami Satchidananda; tradução de Antônio Galvão Mendes. 6ª Edição. Belo Horizonte - MG. Gráfica e Editora Del Rey, 2000.

CROWLEY, Aleister. Liber Aleph – O Livro da sabedoria ou da tolice na forma de uma Epístola de 666 A Grande Besta Selvagem para seu filho 777. Hadnu, 2009. Disponível em: <<https://www.hadnu.org/publicacoes/liber-aleph/>>. Acesso em: 02-02-2024.